

Discorrer sobre a trajetória musical e pessoal de Raul Seixas, deveras é uma das mais árduas e difíceis tarefas. Parece aos biógrafos e admiradores que, escrever a história do homem que deixou a vida para entrar na história, ser uma coisa fácil, no entanto, entretanto e portanto, os caminhos para se chegar a um senso comum e verdadeiro da trajetória do mito Raulzito, tem levado muitos biógrafos e admiradores ao ridículo. Até mesmo estudantes universitários ao escreverem teses sobre Raul Seixas, pararam no mesmo muro que a maioria, sem explicarem nada que se refira realmente ao que está contido na obra raulseixista. Ninguém conseguiu até o momento, por mais que se aproximasse da verdade, descrever com palavras corretas o significado real da propagação e fortalecimento da filosofia seixista. Cada qual dos admiradores de Raul Seixas, tem em sua mente, a certeza de que entendeu as mensagens contidas nas canções de Raul e nas canções que ele engendrou em parcerias poucas. Cada qual de nós entende cada canção de uma forma diferente. Às vezes muitos até tentam explicar o que entende ou entenderia todas as letras compostas por Raulzito. Mas, o que realmente está em jogo e é preciso desvendar, são os pensamentos de Raul, propagados em cada qual de suas músicas e letras.

O que ele queria passar para nós? O que significam cada uma das suas letras? Poucos conseguiram entender de verdade o pensamento e a filosofia do maluco beleza. Óbvio que cada fã ou estudioso dessa obra poética, musical e filosófica, únicas na historiografia da música brasileira, pode entender de forma diferente a mensagem contida nas clássicas e ímpares canções da lavra raulseixista. Entretanto, independente do que cada um venha a entender, é necessário que também seja entendido o quê realmente Raulzito quis dizer. Toda canção, por mais simples ou arrojada, ao ser composta e escrita, traz em seu bojo algum significado e esse significado só pode ser explicado pelo próprio autor da canção, pois, ao criar uma composição, o compositor ou letrista está contando alguma história ocorrida com ele próprio ou com alguém ou alguma estória conhecida por ele. Então, cada música e cada letra possui um significado próprio ou pessoal, embora possa ser entendida pelos ouvintes da forma como eles enxergarão cada estória ou história. Falecido em agosto de 1989, Raulzito foi alçado ao panteão de mito, um “deus” cultuado por milhares de admiradores de todas as idades e classes sociais e que vem ao longo dos anos, desde a sua morte, conquistando gerações e se adensando como um dos mais sábios e livres pensadores já nascidos na história da música

brasileira. Raul foi mesmo a mosca na sopa do Monstro Sist e da malfadada música “prapular” brasileira. Por qual razão, mais de três décadas depois de sua morte, Raul Seixas perdura cada ano com mais consistência e adoração, como um dos mais amados e cultuados artistas de todos os tempos? Qual era o seu apelo, que atinge ainda hoje, grupos de idades diversas, de adolescentes a idosos, dos sexos masculino e feminino, e se estende por todas as raças, credos, através do Brasil e partes do mundo? Como explicar ou entender o fenômeno Raulzito? Por que a popularidade e o culto dele cresce exponencialmente, ano após ano, criando em torno de seu nome uma indústria de livros, camisetas, estatuetas, comics, revistas, fanzines, sites da internet e documentários, filmes, criação de inúmeros fã clubes, passeatas anuais e discos? Ninguém sabe responder. Porque não há resposta para o que já nasceu predestinado a não morrer. Ou como o próprio Raulzito afirmou um dia: “Os homens passam, as músicas ficam...”

Minha modesta e desfigurada opinião, desprovida de alicerce filosófico e meio besta no que tange a eternidade da obra raulseixista, me fornece apenas uma explicação para tamanho sucesso e reconhecimento. Raulzito se eternizou como um dos mais causticantes e incômodos pensadores da música brasileira, independentemente do real

entendimento de sua obra, por ter sido, ao longo dos anos em que atuou entre a casta maldita da MPB e do frágil rock tupiniquim, um homem simples, que jamais quis carregar nenhuma bandeira, exceto a bandeira do raulseixismo, nunca pretendeu ser líder de nada e nem messias, como muitos o consideram. Raul transmitiu através de suas músicas e letras, quem ele era pessoalmente, um homem do povo e que cantou aquilo que ele viveu, sem mentiras, e qualquer pessoa que ouvia suas canções, mesmo sem entender a fundo qual eram as mensagens transmitidas, podia sentir no coração e na alma, que aquelas mensagens descreviam as mazelas humanas e toques aos quais todos nós tínhamos a necessidade de ouvir e de aprender para que continuássemos tocando nossas vidas, livres de peias pessoais e impostas pelo sistema e pela religião e pela sociedade. Raul foi o único artista brasileiro, sem medo de cometer nenhum equívoco, a cantar e expor o que ele vivia e o que ele era. Único e Exclusivo. “Sou o que sou, sem mentiras para mim, se você quer chegar, me aceite assim...” Raulzito era um homem comum como um homem qualquer, mas nele havia algo estranho, sonhava ter vivido outra vez, em outros mundos distantes e assim, acreditando se fez... e o povo pedindo milagres, chamava esse homem de Deus... A dignidade e a honradez que eram

características que moldaram sua figura enquanto viva, sua simplicidade e verdades ausentes na maioria de nós e dos artistas de uma forma geral, deram aos admiradores de sua lavra poética e musical, ímpares no Brasil de artistas que só esperam a glória, o sucesso fácil e fabricado e montanhas de dinheiro e que, em busca de tais insanidades humanas, vendem até a alma ao Diabo e a própria mãe e a honra, a certeza de que ele era mesmo único e imparcial. Embora as pessoas não mantenham o costume de agir com dignidade e estão sempre dispostas a negociarem sua honra e vida em troca de qualquer valor oferecido pelos poderosos e indecorosos seres mandatários que infestam os meios musicais e televisivos, Raulzito jamais se vendeu ao sistema da indústria musical ou televisiva. Foi sempre RAUL SEIXAS e essa dignidade pessoal e artística atingiu em cheio as milhares de pessoas que passaram a endeusá-lo como mito. Se você que se autointitula raulseixista ou um dos primeiros fã (náticos), mas não é afeito à leitura e nem possui interesse em conhecer filosofia, religiões, seitas, esoterismo, magia (magick), política, deuses e mitos gregos e não for uma pessoa desprovida de preconceitos e conceitos tolos, esteja convicto de uma coisa: você jamais entenderá a poesia e a música de Raul Seixas, você correrá o risco de passar a vida em branco,

entendendo aquilo que você acredita estar ouvindo ou entendendo, mas que não se aproxima das verdadeiras nuances e significados da obra magistral desse gênio esboçado, esse filho da dor, que foi Raulzito. Inúmeras músicas gravadas mundo afora, em quantidade superior ao que nossa vã filosofia possa imaginar, retratam claramente acontecimentos, dramas e tragédias pessoais vividas por aqueles que as criaram e possuem significados próprios e desconhecidos da maioria dos admiradores desses compositores. Cada pessoa que ouve uma música, dá a ela o seu próprio entendimento e interpretação, mas, no íntimo de cada letra e música, está contido aquilo que o compositor e intérprete relata, que é o significado verdadeiro, o que não desclassifica, na maioria das vezes, a interpretação variada e às vezes confusa, que cada pessoa emprega às criações musicais de todos os segmentos artísticos. Por exemplo, a música Capim Guiné, composição de Wilson Aragão, conta a história real ocorrida com seus familiares, quando tiveram suas terras tomadas por posseiros mancomunados com autoridades onde o fato aconteceu. Foi gravada por Raul Seixas em 1983 no disco RAULSEIXAS/Estúdio Eldorado. Embora apareça no selo do disco a parceria entre Wilson e Raul, a canção pertence à lavra de Wilson, letra e música. A parceria foi dada por um

erro da gravadora e assim permaneceu para evitar alguns entreveros referentes aos direitos autorais e possível processo de apropriação indébita, não ocorrida por sacanagem de Raul Seixas, mas por equívoco de outros. Raul tão somente modificou o início da letra para facilitar a rima: Plantei um sítio no sertão de Piritiba/Dois pés de guataíba..., que originalmente foi escrita desta forma: - Comprei um sítio, plantei jaboticaba, dois pés de guabiraba... -, ou seja, a palavra guataíba, enxertada por Raul para rimar com Piritiba, significa fruta ou fruto, pelo menos é a ideia transmitida na canção.

Capim Guiné

Wilson Aragão/Raul Seixas

.

Plantei um sítio no sertão de Piritiba

Dois pés de guataíba

Caju, manga e cajá

Peguei na enxada como pega um catingueiro

Fiz acero, botei fogo

Vá ver como é que tá

Tem abacate, jenipapo e bananeira

Milho verde, macaxeira

Como diz no Ceará

Cebola, coentro andu, feijão-de-corda

Vinte porco na engorda

Até o gado no currá

Com muita raça, fiz tudo aqui sozinho

Nem um pé de passarinho

Veio a terra semeá

Agora veja, cumpadi, a safadeza

Cumeçô a marvadeza

Todo bicho vem prá cá

Num planto capim-guiné pra boi abaná rabo

Eu tô virado no diabo

Eu tô retado com você

Tá vendo tudo e fica aí parado

Com cara de viado

Que viu caxinguelê

Suçarana só fez perversidade

Pardal foi pra cidade piruá minha saquê

Qüé! Qüé!

Dona raposa só vive na mardade

Me faça a caridade

Se vire e dê no pé

Sagüi trepado no pé da goiabeira

Sariguê na macaxeira

Tem inté tamanduá

Minhas galinha já num fica mais parada

E o galo de madrugada

Tem medo de cantá

Num planto capim-guiné pra boi abaná rabo

Eu tô virado no diabo

Eu tô retado com você

Tá vendo tudo e fica aí parado

Com cara de viado

Que viu caxinguelê

Num planto capim-guiné pra boi abaná rabo

Eu tô virado no diabo

Eu tô retado com você

Tá vendo tudo e fica aí parado

Com cara de viado

Que viu caxinguelê

Num planto capim-guiné pra boi abaná rabo

Eu tô virado no diabo

Eu tô retado com você

Tá vendo tudo e fica aí parado

Com cara de viado, ôme?

Que viu caxinguelê

Composição: Raul Seixas / Wilson Aragão.



DEPOIMENTO DE WILSON ARAGÃO

“Compus “Capim-Guiné” em 1979. A letra original era assim: - Comprei um sítio, plantei jaboticaba, dois pés de guabiraba... -, daí pra frente tudo igual. Estávamos em plena ditadura e nós compositores não tirávamos da nossa cabeça a preocupação com um nome: Dona Solange. Era uma censora de letras de músicas que ficava em Brasília, proibindo tudo que ia de encontro às orientações do golpe militar de 64. Eu preparei umas 15 a 20 letras falando em jararaca, cascavé, zabelê, jegue véi, Jardelino Satanás, etc. e lá escondidinha no meio a letra de “Capim-Guiné”. Entreguei junto com uma fita cassete, ali na Polícia Federal, próximo ao Mercado Modelo e dias depois recebi o pacote liberado total. Comecei a cantar entre colegas em 82 inscrevi no

Festival da Canção de Piritiba e não deu outra: Primeiro lugar.

Formei um grupo chamado CHAPADA DIAMANTINA e começamos a cantar em programas de TV. Mostrei a uns quatro cantores e cantoras que a elogiaram, mas não gravaram. Em 83, Beto Sodré, meu amigo, parente e grande amigo de Raul chegou aqui em casa e disse: “Me dá essa música aí que eu vou lhe mostrar que quem vai gravar é Raul e eu já dei um toque pra ele e ele quer ver”. Dias depois, Beto leva-me a uma central telefônica na Barra pra gente conversar com Raul.

- Diga aí, Raul, gostou da música?

- Pô, é linda, bicho; agora deixe eu mudar o início assim ó: “Plantei um sítio no sertão de Piritiba...”

- Mas pra rimar com Piritiba, Raul?

- Pode deixar, bicho, já achei uma planta, deixe comigo.

Em setembro de 83 ele veio lançar o disco no Esporte Clube de Periperi e passei o dia com Raul, Beto, os músicos e Kika, no Praimar Hotel, na Barra, na beira da piscina. Foi o dia que o conheci ao vivo. Apresentou-me ao maestro Miguel

Cidras que me disse: -Nesse estilo pode me mandar todas que eu faço arranjo. Tiramos algumas fotos e restam-me poucas, pois “amigos” me pediram emprestadas e não devolveram.

À noite fui com minha mulher, meu sogro e uma porrada de amigos meus ao clube e no meio do show a multidão pediu “PIRITIBA”, “CAPIM-GUINÉ”! Ele respondeu: “Eu não ensaiei, não!!!” Ahhh!!!

Na verdade Raul nunca aprendeu a letra de “CAPIM-GUINÉ” e só cantou num programa de TV que eu nem vi, dublando. Em 1985 fui gravar Empório Brasileiro com Boldrin (ou foi em 87, quando gravei o Som Brasil com Lima Duarte), bem, foi quando ele estava lançando METRÔ LINHA 743, eu passei dois dias visitando Raul na Rua Pombeva (Butantã), comi uma feijoada gostosa com couve, preparada pelas empregadas que vieram da Bahia. Tomei boas cervejas ao lado de Raul no quarto de ouvir música. Ele me disse: “pô, bicho, aquela gravação foi uma força pra você, não foi?” É que eu tinha falado a ele que ninguém me orientava sobre direitos autorais e eu fiquei com a grana dos direitos de vendagem do disco num banco em São Paulo, em uma conta corrente e eu nem sabia. Dava pra comprar dois carros e quando Regina Andrade Silva, (amiga, advogada e

parceira) me disse: “Vá a São Paulo e se informe nesse órgão, que você tem dinheiro lá”. Olha, isso já tinha quase dois anos depois da gravação e era uma época de inflação altíssima. A agência bancária já não existia no local indicado, e enfim achei a agência, uma conta e meu dinheiro. Tava em conta corrente, sem correção nenhuma; a editora não me mandou aviso nenhum, a gravadora muito menos e Raul maluco do jeito que é...! Pra resumir: a inflação comeu tudo e grana de dois carros só deu pra fazer uma feira.

Esqueci de um detalhe sobre “Capim-Guiné”. Raul, por telefone, quando me disse: “Já achei uma palavra (pra rimar com Piritiba), ele disse também: pode ficar tranquilo, bicho, que não vai ter parceria, não”. Quando o disco saiu veio com parceria. Alguém preencheu o nome de Raul como co-autor no formulário. Deu muita fofoca na imprensa, pois a música já era conhecida na Bahia e o fã clube do Raul veio aqui em casa pedir que eu deixasse pra lá, pois rolou um papo que eu ia entrar com um processo e mandar recolher todos os discos que já estavam nas lojas de todo o Brasil. Tudo isso passou, e quando eu conheci Raul de perto, eu vi o coração de menino desajuizado que ele é. Um cara sensível, humano, brincalhão, satírico e com algumas tristezas no coração: quando ele me apresentou a Lena ele disse: “Aragão, eu me casei

com a Lena e ela tem um filho, faz de conta que esse filho é meu”.

Outro exemplo é a música “Gostava Tanto de Você”, eternizada na voz de Tim Maia em 1973, teria sido uma homenagem do compositor Edson Trindade a uma filha, falecida aos 15 anos de idade num acidente de carro, e não a um grande amor de sua vida, como sempre se imaginou. Existem controvérsias quanto à veracidade do significado real da música, mas ao que se sabe, foi composta como tributo a filha morta do compositor.

Gostava Tanto de Você

Tim Maia

Não sei por que você se foi

Quantas saudades eu senti

E de tristezas vou viver

E aquele adeus não pude dar

Você marcou na minha vida

Viveu, morreu na minha história

Chego a ter medo do futuro

E da solidão que em minha porta bate

E eu

Gostava tanto de você

Gostava tanto de você

Eu corro, fujo desta sombra

Em sonho, vejo este passado

E na parede do meu quarto

Ainda está o seu retrato

Não quero ver pra não lembrar

Pensei até em me mudar

Lugar qualquer que não exista

O pensamento em você

E eu

Gostava tanto de você

Gostava tanto de você

Não sei por que você se foi

Quantas saudades eu senti

E de tristezas vou viver

E aquele adeus não pude dar

Você marcou em minha vida

Viveu, morreu na minha história

Chego a ter medo do futuro

E da solidão que em minha porta bate

E eu

Gostava tanto de você

Gostava tanto de você

Eu corro, fujo desta sombra

Em sonho, vejo este passado

E na parede do meu quarto

Ainda está o seu retrato

Não quero ver pra não lembrar

Pensei até em me mudar

Lugar qualquer que não exista

O pensamento em você

E eu

Gostava tanto de você

Gostava tanto de você

Eu gostava tanto de você

Eu gostava tanto de você

Eu gostava tanto de você

Composição: Edson Trindade

A trajetória pessoal e artística de Raulzito, o mito, desde a sua morte aos 44 anos, tem sido fatores obrigatórios em todos os trabalhos de conclusão de curso, dissertações de mestrado e teses de doutorado das faculdades de ciências humanas do país, onde se gastam milhões de reais de dinheiro público todo ano para financiar “pesquisas” de péssima qualidade sobre Raul Seixas, afirma Toninho Buda em texto publicado na internet (Facebook), palavras as quais assino embaixo e aprovo, pois estão repletas de verdades absolutas.

A bem da verdade, Raul não é o pai do rock nacional, antes dele surgiram outros nomes que empunharam a bandeira do frágil negro ritmo no Brasil, nomes estes que nem merecem citações, pois acovardados, abandonaram à mercê do cruel destino, o filho bastardo americano. Mas foi Raul Seixas quem adotou o rock e o tirou das ruas esburacadas e sujas da indústria fonográfica, mãe cróia que nunca desvelou cuidados em relação ao seu rebento negro. Ao filho negro e tido e havido como rebelde e louco, marginal e inconsequente, Raul dedicou sua turbulenta vida, deu casa e comida e educou-o a ponto de transformá-lo num dos maiores e mais causticantes filósofos brasileiros. Observem, leitores raulseixistas e aprendam que, os animais são mais generosos que os homens, porque nunca se viu um leão escravo de

outro leão, nem cavalo escravo de outro cavalo. A humanidade é imortal e jamais terá fim, pois Deus precisa do homem para existir. Quem pensa somente no futuro é um insensato; afinal, o que o futuro lhe trouxe? Estes são pensamentos que, embora não pertençam à lavra filosófica do baiano Raul Seixas, eram máximas que ele usava para compor suas letras filosóficas e impregná-las com o ritmo negro que ele adotou como filho, portanto, por esta razão única, Raul foi mesmo o único com a merecida pecha de pai do rock nacional. Para ter força, sê um artesão das palavras. A força de um ser é sua língua, e as palavras são mais eficazes que qualquer forma de luta, ditos verdadeiramente, incólumes para o aprendizado humano, vociferados por Merikarê e os quais Raul sabia de cor e os praticava diariamente, pois a força da palavra, realmente move montanhas.

O pontapé inicial do rock no Brasil foi Nora Ney (conhecida cantora de samba-canção) quando gravou o considerado primeiro rock, "Rock Around the Clock", de Bill Haley & His Comets (trilha do filme Sementes da Violência), em outubro de 1955, para a versão brasileira do filme. Em uma semana a canção já estava no topo das paradas (mas Nora Ney nunca mais gravou nada no gênero, tirando a irônica "Cansei do Rock", em 1961). Em dezembro, a mesma canção recebia versão em

português, "Ronda das Horas" (por Heleninha Ferreira) e outra gravada pelo acordeonista Frontera, não tão bem sucedidas quanto a "original". Em janeiro do ano seguinte, a canção ganhou uma versão por Marisa Gata Mansa.

Em 1957, foi gravado o primeiro rock original em português, "Rock and Roll em Copacabana", escrito por Miguel Gustavo (futuro autor de "Pra Frente Brasil") e gravada por Cauby Peixoto, no mesmo ano, é lançado o filme Sherlock de Araque, nele Carlos Imperial e Paulo Silvino (com o pseudônimo Dixon Savannah) aparecem cantando Calypso Rock e Let's Rock Together, no ano seguinte, Cauby foi acompanhado pelo grupo The Snakes na canção That's Rock, composta por Carlos Imperial no filme "Minha Sogra é da Policia" (1958).

Cauby, no entanto, não foi o primeiro artista brasileiro a gravar uma música no gênero. O título de desbravadora é de Nora Ney, que gravou uma versão de "Rock Around the Clock" em 1955.

Entre 57 e 58, diversos artistas gravaram versões de músicas americanas, como "Até Logo, Jacaré" ("See You Later, alligator"), "Meu Fingimento" ("The Great Pretender" do grupo de doo-wop The Platters) e "Bata Baby" (Long Tall Sally de Little

Richard).

Embora em 57 o grupo Betinho & Seu Conjunto, de "Enrolando o Rock" (também gravada por Cauby Peixoto) tenha alcançado grande fama, os primeiros ídolos do rock brasileiro foram os irmãos Tony e Celly Campelo que, em 1958, lançaram o compacto Forgive Me/Handsome Boy, que vendeu 38 mil cópias. Tony gravaria mais dois singles até seu álbum em 1959, e Celly estourou em 1959 com "Estúpido Cupido" (120 mil cópias vendidas), chegando a ter boneca própria (com a qual aparece na capa de seu LP "Celly Campello, A Bonequinha Que Canta").

Fonte: Wikipédia

RAULSEIXAS

Raul: (Nome de origem germânica - pelo francês
RAOUL - que significa “LOBO CONSELHEIRO”

“Eu me utilizo de todos os meios da sociedade de consumo, penetro no sistema, mas como um veneno.”

*Como somos verbalóides, o começo foi o verbo. Em “GITA”, e em outras composições minhas. “Eu sou, eu fui, eu vou...”. A afirmação do “eu”, pois o homem precisa aprender a autoafirmar-se, o “eu” assumido e vomitado, arrancará do âmago esse medo que o homem tem de declarar-se senhor absoluto de seus direitos e do universo. *

(RAUL SEIXAS)

A história do rock’n’roll brasileiro, quando realmente for escrita, se é que algum dia o será, pois já estamos no ano 2021, e apenas fragmentos dela foram rascunhados, parecerá sem sombra de dúvidas, com uma biografia simples de Raul Seixas, pois além dele nenhum outro artista dentro desse segmento musical, atingiu o grau filosófico e mítico que a obra de Raul atingiu. No Brasil nenhum artista jamais ousou tanto e com tamanho sarcasmo e inteligência. Nenhum cantor/compositor ousou encarar o Monstro Sist de peito aberto, sem medo. Nenhum artista viveu, de fato, o que cantava. Foi o mago Raulzito quem levou, praticamente sozinho, a bandeira do rock feito no Brasil nas últimas décadas que antecederam sua morte. Raul varava as noites em